



Universidade de Brasília  
Departamento de Artes Visuais  
Licenciatura em Artes Visuais - UAB

A livre expressão nas escolas: o desenho das crianças

MARIA JEANE DE SOUZA RODRIGUES

Tarauacá  
2018

Universidade de Brasília  
Departamento de Artes Visuais  
Licenciatura em Artes Visuais - UAB

A livre expressão nas escolas: o desenho das crianças

MARIA JEANE DE SOUZA RODRIGUES

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais, habilitação em licenciatura, apresentado para obtenção do grau de licenciado pelo Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana de Castro

Tarauacá  
2018

## **Agradecimentos**

Meus sinceros agradecimentos pelo apoio de meus pais e irmãs diante das dificuldades ao longo do curso, aqueles que torcem e lutam pelo meu sucesso.

Sinto-me grata com o apoio do tutor Daniel dos Santos Manguiera leite, que desde o início do curso tem dado todo suporte para a turma de Tarauacá.

Agradeço ainda ao Antonio Cezar Córdova que me motivou e apoiou todas as vezes que o curso precisou de maior atenção.

Gratidão a Deus que me deu entendimento, discernimento e esperança quando estava desanimada.

Sou muito grata aos Professores, Tutores e pessoal de apoio que me ajudam não só como aluna, mas também na vida como um todo.

## **Resumo**

Este trabalho de conclusão do curso trata-se de um estudo sobre a livre expressão nas escolas: o desenho das crianças. A pesquisa foi aplicada tendo base nos conhecimentos observados nos estágios supervisionados do Curso de Licenciatura de Artes Visuais no município de Tarauacá no interior do Estado do Acre distante 420 Km da capital Rio Branco. Esta pesquisa tem por objetivo observar, entender e avaliar as possibilidades para a construção de processos de ensino/aprendizagem em desenho para os alunos do ensino fundamental e médio. O estudo dos referenciais teóricos desenvolvidos revela métodos e procedimentos aplicados nos ambientes observados trazendo uma nova compreensão de como se pode explorar o desenho nas escolas. O embasamento teórico traz um paralelo entre as observações obtidas nos estágios comparados ao estudo de caso do Professor/Artista Darci Seles que aplica suas aulas de desenho no Serviço Social do Comércio – SESC/Rio Branco. Os métodos utilizados na pesquisa combina a pesquisa qualitativa e exploratória e o resultado obtido ao final do trabalho foi uma mudança radical no conceito de ensino/aprendizado do desenho nas escolas, onde se parte do princípio de que o desenho artístico se utiliza única e exclusivamente do processo de criação através da livre expressão, sem a utilização do desenho geométrico como ponto de partida e se chega à conclusão de que todos os tipos de desenhos podem e devem servir como ponto de partida para o desenho artístico.

Palavras-chave: Aluno; Arte; Desenho e Livre Expressão.

## Abstract

This work of conclusion of the course is a study on the free expression in the schools: the drawing of the children. The research was applied based on the knowledge observed in the supervised stages of the Visual Arts Degree Course in the municipality of Tarauacá in the interior of the State of Acre, distant 420 km from the capital Rio Branco. The aim of this research is to observe, understand and evaluate the possibilities for the construction of teaching / learning processes in drawing for elementary and high school students. The study of the developed theoretical frameworks reveals methods and procedures applied in the observed environments bringing a new understanding of how one can explore the drawing in schools. Theoretical basis brings a parallel between the observations obtained in the stages compared to the case study of Professor / Artist Darci Seles who applies his drawing classes in the Social Service of Commerce - SESC / Rio Branco. The methods used in the research combine the qualitative and exploratory research and the result obtained at the end of the work was a radical change in the concept of teaching / learning of the drawing in the schools, where it is assumed that the artistic drawing is used solely and exclusively process of creation through free expression, without the use of geometric drawing as a starting point and it is concluded that all types of drawings can and should serve as starting point for the artistic design.

Keywords: Student; Art; Drawing and Free Expression.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>7</b>
<b>1. Aspecto histórico do ensino e da formação do professor de desenho no Brasil</b> .....	<b>8</b>
<b>2. A prática pedagógica do desenho infantil nas escolas</b> .....	<b>15</b>
<b>3. A Experiência de Darci Seles</b> .....	<b>19</b>
<b>3.1 Biografias do Artista</b> .....	<b>19</b>
<b>3.2 As contribuições para o ensino do desenho infantil</b> .....	<b>19</b>
<b>3.3 Obras do Professor/Artista Darci Seles</b> .....	<b>21</b>
<b>4. Considerações Finais</b> .....	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>25</b>
<b>Anexo: Entrevista com Professor/Artista</b> .....	<b>28</b>

## **Lista de Abreviaturas**

(*sic*) Texto original está reproduzido exatamente, por errado ou estranho que possa parecer.

(*sed*) Data ou tempo indefinidos.

ABAB: Academia de Belas Artes da Bahia.

ABAL: Academia de Belas Artes de Lisboa.

ABAP: Academia de Belas Artes do Porto.

ABC: Academia Brasileira de Ciências.

ABE: Associação Brasileira de Educação.

AIBA: Academia Imperial de Belas Artes.

CONARCFE: Comissão Nacional pela Reformulação dos Cursos de Formação dos Educadores.

DCN/AV: Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Artes Visuais.

FCLF: Faculdades de Ciências, Letras e Filosofia.

IA: Instituto de Artes.

IES: Instituto de Ensino Superior.

LAP: Licenciaturas em Artes Plásticas.

LEA: Licenciaturas em Educação Artística.

MEA: Movimento Escolinhas de Artes.

MEC: Ministério da Educação.

MNI: Ministério de Negócios do Império.

PPC: Projeto Pedagógico de Curso.

SESC: Serviço Social do Comércio

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso.

UAB: Universidade Aberta do Brasil.

UDF: Universidade do Distrito Federal.

UFAC: Universidade Federal do Acre.

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UnB: Universidade de Brasília.

## **Introdução**

A escolha do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso está fundamentada em três aspectos. O primeiro, diz respeito à possibilidade de aprofundar o conhecimento sobre a prática pedagógica do desenho infantil nas escolas, relevante para a atuação como futura professora das artes visuais. O segundo aspecto, relaciona-se com o valor histórico do desenho, ressaltando-se que foi através desta linguagem que em um tempo muito distante, antes da invenção da linguagem escrita, a humanidade se comunicava e contava histórias, desenhando na superfície de rochas. Por fim, o terceiro aspecto da escolha, que partiu do desejo de auxiliar aos pais e professores de maneira que não limitem a expressão das crianças, enquanto elas desenhavam.

A pesquisa justifica-se pela oportunidade de aprofundarem-se os conhecimentos adquiridos pelas experiências nas disciplinas de estágio supervisionado ofertadas ao longo da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília - UnB/Universidade Aberta do Brasil - UAB, em específico, pelas experiências com a prática do desenho. Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos o procedimento do estudo de caso que servirá para análise da relação de Darci Seles, professor e artista, com o ensino do desenho há dezesseis anos. Em um primeiro momento, foi possível compreender que o trabalho de pesquisa de Seles revela que o desenho ajuda no desenvolvimento escolar da criança, e é um meio de comunicação com a sociedade. Além desses aspectos, Seles ressalta a importância da livre expressão das crianças através do desenho.

Este TCC está dividido em três capítulos: no primeiro, *Aspecto histórico do e da formação do professor de desenho no Brasil* foi constituído pelo histórico do desenho na educação, incluindo-se a formação de professores. No segundo capítulo, *A prática pedagógica do desenho infantil nas escolas* há o relato de experiência nas disciplinas de *Ateliê* e dos *Estágios Supervisionados*, pelas quais foram observadas técnicas utilizadas na aplicação do desenho no Ensino Fundamental. O terceiro capítulo, *A experiência de Darci Seles* apresentam-se os resultados do estudo de caso cujo objetivo foi observar as possibilidades para a construção de processos de ensino/aprendizagem em desenho pelos alunos que estabelecem relação com o professor/artista.



## 1. Aspecto histórico do ensino e da formação do professor de desenho no Brasil

A história da educação no Brasil sinaliza para os Colégios das Artes fundados a partir de 1550, no Rio de Janeiro, na Bahia, em Olinda, no Pará, no Maranhão, em São Paulo e em Minas Gerais como as primeiras instituições do ensino formal na colônia portuguesa. Os estudos nesses colégios eram divididos em: classes inferiores nas quais eram ofertadas gramática latina, grego e hebraico; e classes superiores, cuja oferta consistia em teologia, direito canônico, filosofia e retórica. Depois de finalizadas as classes superiores, o estudante continuava os seus estudos nos cursos superiores de: direito, medicina ou eclesiástico, para isso teria que morar em Portugal (Ferreira & Bittar, 2012).

Os jesuítas permaneceram no Brasil desde 1549 até serem expulsos pela reforma promovida pelo Marquês de Pombal, em 1759. O marquês era secretário de estado dos negócios estrangeiros e da guerra, e assumiu, por determinação do rei Dom José I, em 1755, a responsabilidade de reerguer a economia e a política lusas desestruturadas por consequência do terremoto que destruiu grande parte a cidade de Lisboa. O Marquês de Pombal promoveu ampla reforma educacional sob as prerrogativas de transformar Portugal em uma metrópole industrializada, suas proposições abrangeram também a colônia brasileira (Seco & Amaral, *s.d.*). Em substituição aos colégios jesuíticos, Pombal instituiu as aulas régias, entre as quais as aulas públicas de desenho.

Essa substituição marcou o rompimento do ensino com o caráter religioso imposto pelos jesuítas, e o vínculo desse ensino aos interesses estatais, submetendo-o diretamente ao estado régio português. As aulas régias abrangiam tanto *as classes de primeiras letras*, que podem ser compreendidas enquanto classes que promoviam a leitura, a escrita, a aritmética, o catecismo e os preceitos de civilidade; quanto às *classes de humanidades*, que viriam a tornar-se, tempo depois, no ensino secundário, ocupadas com os ensinamentos de latim, grego, hebraico e da retórica (Boto, 2010).

A capacitação de mão-de-obra para o desenvolvimento econômico e industrial foi, com o passar dos séculos, tornando-se premente na Europa, atingindo o auge na Inglaterra e na França dos finais do século XVIII e início do XIX. Nesses países, o desenho utilitarista era ministrado com o objetivo de difundir técnicas para elaboração de projetos para a manufatura de produtos industrializados, úteis ao cotidiano (vestuário, sapatos, louças, utensílios de cozinha). Na expectativa de melhorar a qualidade visual desses produtos, a proposta era aproximar o ensino do desenho do ensino das belas artes, que era difundido nas academias, em virtude dos conhecimentos das cores, formas e técnicas difundidas e consolidadas no âmbito desse ensino clássico.

O ano de 1834, no qual Félix-Émile Taunay assume a direção da AIBA, é considerado o marco inicial do ensino superior acadêmico no Brasil, o novo diretor deu início às aulas de modelos vivos, providenciou os gessos para os estudos de estatuária, bem como a tradução, para o português, de obras de anatomia, com essas determinações, "Félix-Émile evidenciou seus objetivos para aperfeiçoamento do ensino de acordo com os ideais clássicos, as atividades do diretor estenderam-se até 1851" (Dias, 2009, p. 87). Em 1855, o Brasil Império voltou a projetar meios para promover os avanços econômicos pautados pela industrialização, Dom Pedro II demandou por reformas educacionais que contemplassem a capacitação de mão-de-obra para alavancar esse processo. No mesmo ano, Araújo de Porto Alegre, diretor da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), providenciou, por exigência do imperador, adequar o estatuto da academia à Reforma Couto-Ferraz de 1854, cuja diretriz era atender às exigências dos projetos imperiais (Squeff, 2000).

A principal mudança estatutária proposta por Porto Alegre, afirma Squeff (2000), foi a inserção do ensino do desenho técnico e utilitarista na AIBA,

a Academia de Bellas (*sic*) Artes no desempenho do fim de sua instituição, e no intuito de promover o progresso das Artes no Brasil, de combater os erros introduzidos em matéria de gosto, de dar a todos os artefatos da indústria nacional a conveniente perfeição e, em fim, auxiliar o Governo em tão importante objeto (*sic*), empregará na proporção dos recursos que lhe tiver meio: . . . 6º - aplicação (*sic*) das matérias que formam o plano de seu ensino à indústria nacional. (Ministério de Negócios do Império [MNI], 1855, p.3).

A reforma de Porto Alegre não logrou o êxito em virtude da situação educacional desfavorável dos alunos ingressos para formação industrial na AIBA. O Estatuto determinava que "para qualquer aluno (*sic*) poder ser admittido (*sic*) nas aulas de Mathematicas applicadas (*sic*) [era] indispensavel (*sic*) ler, escrever e contar as quatro especies (*sic*) de numeros (*sic*) inteiros" (MNI, 1855, p. 7). O problema é que a obrigatoriedade de ler e de escrever era incompatível com a realidade social e educacional brasileira à época, marcada pelo analfabetismo.

Em síntese, a tradição do desenho artístico, base do modelo de ensino acadêmico das belas artes, era reivindicada à capacitação de mão-de-obra para indústria, enquanto estratégia voltada para proporcionar riqueza de detalhes e qualidade estética almejada para os produtos manufaturados industrialmente. Tanto em Portugal quanto no Brasil, as academias acumulavam:

(a) as demandas para o desenvolvimento do gosto estético;

(b) a formação dos artistas;

(c) a capacitação técnica, conforme ressaltam Fernandes e Ferreira Ó (2007), a ABAP "tinha por finalidade [...] difundir o gosto pelo Belo, e proporcionar meios de melhoramentos aos Ofícios e Artes fabris, pela elegância das formas de seus artefactos (*sic*)" (p. 273).

Nesse delineamento histórico, também é importante destacar que outras instituições se ocuparam com o ensino de desenho no Brasil. No Rio de Janeiro, a Academia Imperial Militar, fundada em 1810, ofertava aulas de desenho técnico endereçadas à arquitetura e engenharia; em Salvador, as aulas públicas de desenho de desenho e o Liceu de Artes e Ofícios, fundado em 1872, ensinavam desenho utilitário. As aulas públicas de desenho foram instituídas, por decreto do governo português, em 1779, sendo realizadas no Brasil Colônia a partir da chegada de Dom João VI, em 1808, nessas aulas o objetivo era ensinar técnicas de desenho para a manufatura industrial.

À exceção da ABAB, em Salvador, e da AIBA, no Rio de Janeiro, não existiram outras instituições de ensino superior em artes antes do início do século XX, em virtude do modelo de escola estatal centralizado na sede da Corte portuguesa, no Brasil, a abertura de instituições de ensino superior era proibida em outras localidades do país.

A primeira sistematização da educação que modificou essa situação ocorreu no primeiro governo republicano, com a publicação do Decreto nº 7.247 (MNI, 1879) que determinou a revisão de todos os níveis de escolaridade em território nacional.

Os *Pareceres de 1882*, elaborados por Rui Barbosa, embasaram o sistema de ensino superior da primeira república, na redação foram utilizados dados comparativos entre a situação da educação brasileira e de outros países, entre os quais: Áustria, Bélgica, Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra. Mormul e Machado (2013) afirmam que Barbosa analisou a situação do ensino superior brasileiro nas seguintes instituições localizadas no Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito, Escola Politécnica de Engenharia Civil e Escola Politécnica Nacional de Minas. Além disso, as autoras afirmam que Barbosa propôs a criação, na capital da república, do curso superior de Ciências Físicas e Naturais; apoiou as criações do Instituto Nacional Agrônômico e do Instituto Nacional Meteorológico, também no Rio de Janeiro.

O posicionamento anticlássico do parlamentar brasileiro, nesse discurso, ao criticar a relação mestre e aprendiz bem como a noção de obras primas, remete às ideias que seriam difundidas pelas vanguardas modernistas no início do século XX.

Contudo, os debates desses movimentos ressaltaram, além das relações dicotômicas entre belas artes/artesanato, o modelo da produção industrial, os aspectos econômicos e de consumo, seriam preteridas pelos ideais liberais, defensores dos projetos de progresso pautados pela industrialização.

A formação na AIBA, por outro lado, era endereçada à constituição do artista em pintura, escultura e gravura -, além disso, exigia frequência em um curso geral, cujos estudos eram divididos em três anos,

[No primeiro ano:] história natural, mitologia, desenho linear, desenho figurado (estudo elementar); [no segundo ano:] física e química (aplicações às artes), geometria descritiva, trabalhos gráficos, arqueologia e etnografia, desenho figurado; [e, no terceiro ano:] história das artes, perspectiva e sombras, trabalhos gráficos, desenho elementar de ornatos, elementos da arquitetura e desenho figurado. (PRIMITIVO, 1941)

Com base nas análises dessas duas estruturas curriculares de formação, observa-se que a academia formava o artista enquanto profissional das artes liberais sem nenhuma complementação pedagógica. Por outro lado, nas salas de aula dos ensinos primário e secundário, a formação artística estava pautada pelo desenho utilitário, previsto entre as disciplinas do currículo normalista. Esse último oficializava a relação entre a indústria, arte e a educação, endereçada ao desenvolvimento econômico do Estado. Nesse sentido, enquanto o ensino do desenho utilitário consolidava-se nos níveis primário e secundário, o ensino clássico das belas artes nas academias solidificava-se no ensino superior.

A autorização para a descentralização do ensino superior impulsionou a inauguração de escolas superiores de artes em outros estados:

- (a) Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, ano de 1908;
- (b) Escola de Belas Artes de Recife, em Pernambuco, no ano de 1932;
- (c) a Academia de Belas Artes de São Paulo, na cidade de São Paulo, em 1925.

Essas novas instituições dividiam-se entre os modelos de ensino moderno e clássico na Escola de Bellas Artes de Recife. Simon (2003), por sua vez, afirma que o Instituto Livre de Artes de Porto Alegre criou, em seu âmbito, uma Escola de Artes destinada ao "ensino e estudo teórico e prático das artes plásticas, abrangendo desenho, arquitetura . . . artes aplicadas e artes e ofícios. A implementação dessa escola correspondeu à primeira tentativa de institucionalizar o ensino formal das Artes Plásticas no Rio Grande do Sul" (p. 160).

Entre os anos 1920 e 1930, a resistência política à criação das universidades começou a enfraquecer-se diante das investidas dos intelectuais brasileiros, principalmente, daqueles organizados na Academia Brasileira de Ciências (ABC) e na Associação Brasileira de Educação (ABE) que protagonizaram debates, principalmente, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, até que a criação de universidades se configurou na plataforma do governo Vargas (Fávero, 2008; Paim, 1981).

No primeiro ano desse governo, foi promulgado o Decreto nº 19851 (MEC, 1931) determinando que o ensino superior brasileiro descentralizado se organizasse, prioritariamente, com base no sistema universitário, mantendo a possibilidade da oferta em institutos isolados.

Valendo-se daquele decreto, Anísio Teixeira, secretário de instrução pública do Rio de Janeiro, fundou a Universidade do Distrito Federal (UDF) com o apoio do prefeito da cidade, Pedro Ernesto.

Teixeira reformulou a estrutura pedagógica da Escola Normal e transformou-a no Instituto de Educação (IE) incorporando-a a UDF,

a antiga Escola Normal da capital do País [...] [tornou-se] o Instituto de Educação. Desaparecia a tradicional escola de preparação do magistério [...] quebrava-se, decididamente, o velho padrão francês, de formação do magistério no ramo dos estudos primários. Destruíam-se as divisões estanques, características desse padrão, entre o ensino normal e o secundário geral, isto é, entre a habilitação inicial requerida para os cursos do magistério, e o curso do ginásio, exigido para matrícula nas escolas superiores. Elevava-se a formação do mestre, mesmo primário, ao nível dos estudos universitários. (Lorenço Filho, 2001, p.23).

O IE/UDF articulou, pela primeira vez no sistema de ensino brasileiro, a formação pedagógica com a artística. Em outros termos, a formação adquirida no curso do IE/UDF era complementada por outra especializada, ofertada no Instituto de Artes (IA) da UDF, entre as quais, em desenho (Lourenço Filho, 2001). Em São Paulo, no ano de 1930, o governo estadual tinha fundado a Universidade de São Paulo, tanto na estadual carioca UDF quanto na paulista USP foram experimentadas mudanças de paradigmas que deixaram para trás a exclusividade da tradição de formação de mão-de-obra e produção de ciência aplicada.

No início dos anos 1960, ocorreu a oferta da Licenciatura em Desenho pelas Faculdades de Ciências, Letras e Filosofia (FCLF) para formar professores responsáveis pelos ensinamentos do desenho geométrico e da geometria nas escolas de Ensino Médio (MACHADO e FLORES, 2013). Tal licenciatura tinha cariz matemático e científico herdado da longa trajetória do ensino do desenho iniciada para atender à demanda político-econômica por capacitação de mão-de-obra industrial nos anos 1800.

Apesar das inúmeras mudanças ocorridas no sistema educacional brasileiro, a ênfase das disciplinas matemáticas na estrutura curricular da Licenciatura em Desenho permaneceu na formação dos professores até a década de 1960.

Em 1969, a Licenciatura em Desenho cedeu lugar à Licenciatura em Desenho e Artes Plásticas, em uma tentativa de aproximação da concepção de Arte como expressão difundida pelas Escolinhas de Artes do Brasil (MACHADO e FLORES, 2013).

Tal reforma não logrou êxito, as disciplinas matemáticas continuaram em maior número resultando em um currículo aquém da proposta inicial daquela reforma.

Esse viés técnico-científico seguiu em grande parte das habilitações em Desenho e Artes Plásticas ofertadas pelos cursos de LEA. Vale ressaltar que a Escolinha de Arte do Brasil era uma instituição de ensino não formal, característica que contribuiria para enfraquecer a possibilidade de adoção da proposta de Read (2001) no âmbito dos cursos superiores nas IES sitiadas pelo regime militar. Sob tal circunstância, artistas e educadores organizados no Movimento Escolinhas de Artes (MEA).

Dentro de importantes conquistas veio a criação das Licenciaturas em Artes Plásticas (LAP), em substituição à LEA. O cerne dessa criação foi a inclusão da Arte como disciplina obrigatória no currículo da Educação Básica (BRASIL, 1996, 2005). A LAP eliminou o caráter técnico-científico da formação de professores, substituindo-o pela ideia moderna de produção em Arte. Essa concepção de ensino estava vinculada à Estética e à ideia da plasticidade dos materiais artísticos, a qual se centrava na exploração desses materiais sem os rígidos padrões canônicos das Belas Artes.

Seguindo as reformas do Ensino Superior concretizadas pelas diretrizes e base da educação (BRASIL, 1996), especialistas, pesquisadores e docentes das IES foram envolvidos na elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Artes Visuais (DCN/AV) nos anos 2000. A publicação das DCN/AV (BRASIL, 2009) implicou em mais uma reforma, que resultou na criação da Licenciatura em Artes Visuais (LAV) substituta da LAP.

A expectativa atual, frente à essa reforma mais recente, é que a LAV se desloque de habilitação complementar ao bacharelado, posição ocupada pela LAP, e se qualifique como curso superior de formação de professores em paralelo aos cursos de bacharelado, de modo que o egresso da licenciatura tenha,

[...] a docência como base da sua identidade profissional, domine o conhecimento específico da sua área, articulando-o ao conhecimento socialmente produzido, que lhe permita perceber as relações existentes entre as atividades educacionais e a totalidade das relações sociais, econômicas, políticas e culturais em que o processo educacional ocorre. [...] [E seja] capaz de atuar como agente de transformação da realidade em que se insere (CONARCFE, 1989, p.13 apud BRZEZINSKI, 1992, p. 81).

Em adição à base docente, a expectativa é a de que esse futuro professor, ao adquirir sólido conhecimento específico do seu campo de atuação, possa decidir sobre os métodos e os recursos didáticos adequados ao ensino das Artes Visuais, tornando o saber artístico fluído para os desenvolvimentos individual e social dos alunos na escola e na comunidade as quais pertencem.

Para alcançar tais metas, é necessário que a reforma dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) observem as DCN/AV (BRASIL, 2009).

Nessa direção, tais reformas deveriam ter como referência as demandas socioculturais contemporâneas e seriam estruturadas pela perspectiva de formar o professor, que respondesse com soluções qualificadas à escola de Educação Básica imersa, atualmente, em um conturbado momento de precariedade. Junto a isso, o PPC poderia implicar o saber artístico nos âmbitos regional, nacional e internacional como medida para garantir o acesso do licenciando aos aspectos da sua própria cultura tanto quanto às diferentes culturas, ampliando o seu repertório de conhecimentos para além das técnicas e produções em ateliês.

## 2. A prática pedagógica do desenho infantil nas escolas

O mundo do desenho é fantástico, pois nos remete, inicialmente, ao lúdico, ao imaginário, aos quadrinhos nos tirando por instantes da realidade do cotidiano rotineiro. Falar do desenho, certamente é prazeroso, mas também é complexo, pois além do lúdico, do mágico, o desenho tem desdobramentos que viajam pela matemática, pela geometria.

O desenho é a base do artista plástico, é a base do arquiteto, é a base do construtor, é a base da vazão de emoções e sentimentos, pois o desenho artístico é produto do disparo do processo criativo com eventual talento que se mostra através da livre expressão. O desenho faz parte integrante dos diversos projetos desenvolvidos, independente dos seus objetivos.

De acordo com o Derdyk (2003), desenho pode ser compreendido como meio de comunicação e expressão, bem como instrumento para Arte e a Ciência, e, ainda, técnica que utiliza materiais, superfície e formas diversas. O conceito do desenho pode tratar do que vai além de simples traços dispersos em papel, Derdyk (2003) explica que,

o desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para técnica, é um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão. As manifestações gráficas não se restringem somente ao uso do lápis e papel (ponto, linha, textura, mancha), mas também através de sinais como um risco no muro, uma impressão digital, a impressão da mão numa superfície mineral, a famosa pegada do homem na Lua etc. Existem os desenhos criados e projetados pelo homem, [...] [mas também existem os sinais tais como] as nervuras das plantas, as rugas do rosto, as configurações das galáxias, a disposição das conchas na praia. Estes exemplos nos fazem pensar a respeito das ideias que se têm do desenho, ampliando suas possibilidades materiais de realização. (DERDYK, 2003, p.20)

No que diz respeito à arte, sob a perspectiva de Seraphim (2012), por intermédio dela é possível expressar emoções e sentimento, independentemente da idade, cor, credo, entre outros. E, também pensamentos, sonhos, vontades, medos, "a arte é um veículo de expressão da sua própria elaboração da realidade. Na verdade, a arte via mais além, ela não exprime apenas o que a pessoa vê, o que ela pensa, mas o que ela realmente é, e a sua vitalidade" (p. 31).

A partir dessas ideias sobre o desenho (DERDYK, 2003) e sobre arte (SERAPHIM, 2012), foram feitas as observações e demais atividades das disciplinas de estágio do curso de artes visuais.

Em uma das observações realizadas no ensino fundamental, 6º ano, foi possível perceber a atuação da professora que investe no ensino do desenho pela perspectiva do desenvolvimento educacional do aluno, voltado para o seu envolvimento com o contexto sociocultural.



A professora em questão explicou aos estudantes como o desenho pode auxiliá-los na exploração das habilidades artísticas para compreenderem o próprio meio social, ressaltando que eles estão em processo de conhecer a si mesmo, e demonstrando como o desenho pode contribuir para compreensão da vida escolar, bem como ajudar a refletir nas decisões da vida e a verificar nas suas próprias organizações como alunos.

A partir das observações, é possível propor que aqueles estudantes aprenderam que o desenho poderia auxiliá-los na representação da realidade em sua volta, entenderam que cada desenho feito por eles tem um significado de acordo com aquilo que existe em seu meio ou com aquilo que sentem. Um exemplo disso, foram as representações de contos de fadas feitas pelos estudantes com base na leitura realizada pela professora, e em sua solicitação para que eles desenhassem as representações da família, amigos de mãos e brincadeiras com colegas a partir do que foi lido.

Com base nessa experiência observada durante as atividades de estágio, compreende-se que a livre expressão dos alunos possibilitada pelo desenho, é um ponto que deve ser mais valorizado. Entre outros aspectos, porque o desenho favorece o uso das estratégias de aprendizado que promovem o reconhecimento, por exemplo, de que todos possuem histórias de vida diferentes umas das outras (Figura 1 e Figura 2).



Figura 1: Criança desenhando na calçada com areia do quintal  
Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 2: Aluno do 6º ano desenhando a professora em folha A-4  
na regência de Estágio Supervisionado dois  
Fonte: Arquivo pessoal

Para Gonçalves (2011),

O aproveitamento da turma nas restantes disciplinas, no final do primeiro período, foi considerado satisfatório. Os níveis registados nas disciplinas teóricas são um pouco baixos, mas nas disciplinas práticas, como o Desenho A, a Geometria Descritiva e a Educação Física, os níveis são altos. Os alunos não apresentam assim tantas capacidades nas outras disciplinas, como as apresentadas nas disciplinas específicas do curso de Artes, e mais especificamente na disciplina de Desenho A. (Pag. 34)

Por outro lado, não é incomum observar-se que, possivelmente, pais, e também alguns professores, tenham dificuldades para lidar com o desenvolvimento da expressão gráfica criança. Talvez, eles não entendam que os primeiros rabiscos registrados nas paredes podem ser formas de retratar o mundo e as coisas em volta da criança. O maior problema é riscar a parede, porém, basta orientar a criança para o lugar apropriado, buscando alternativas que incentivem a produção das crianças, por consequência dos alunos, em sala de aula.

O interesse em abordar essas especificidades sobre o ensino/aprendizagem, bem como, sobre a prática do desenho em ambientes não formais de ensino, decorre da crença particular de que é necessário pensar sobre o aspecto de que a criança pode até ser repreendida por algo que inocentemente fez, mas, ao mesmo tempo, deve haver alternativas para que ela se expresse graficamente de forma que essa vontade genuína de desenhar não se perca.

Ao observar as crianças em sala de aula do 6º ano, em uma outra experiência de estágio supervisionado, não foi difícil perceber que todos querem desenhar com técnica, porém, a ideia de que precisam desenhar exatamente como o objeto se apresenta na realidade, às vezes, os desencoraja. Neste sentido, é importante, como futura professora, não perder de vista que a criança se desenvolve pela prática do desenho, gradativamente, de modo que por meios de seus traços e rabisco, vá, aos pouco, alcançando formas que possibilitam representar a realidade e as coisas dessa realidade. Lembrando que não há certo e nem errado, se não tiverem a liberdade de expressão podem até travar suas habilidades, levando em conta que o melhor é não rotular como, “estar melhor assim” ou “estar bonito com mais risco”, ou seja, deve-se evitar que a criança seja submetida a críticas, Trinchão (2016) relata o desenvolvimento e prática do desenho,

[...] o ensino do Desenho desde as escolas de primeiras letras. O estudo sobre a história da educação em Desenho envolve muito mais do que pesquisar os processos do desenvolvimento das habilidades viso-motoras ou as práticas artísticas, científicas ou técnicas. Envolve, sobretudo, sua inserção no espaço escolar como objeto de ensino oficializado e institucionalizado, os conteúdos, os procedimentos e os materiais, as criações e recriações didáticas para a transmissão de saberes e para se fazer entendido. (Pag. 8)

No decorrer das atividades para cumprir o estágio supervisionado nesta turma de 6º ano ocorreu aproximação importante com as crianças, porque foi possível observar e participar intensamente do andamento das aulas realizadas pelo professor/colaborador. Nessas aulas, observou-se que em muitas orientações iniciais para se realizar uma atividade artística houve uma base teórica, porém, as instruções, em geral, não deixavam a criança se expressar livremente.

Em uma das atividades, a professora propôs o exercício de desenho pelo uso das técnicas de a luz e a sombra. A oportunidade de conhecer o desenho com luz e sombra, no quarto ano do ensino fundamental, pode ser uma oportunidade importante. Por outro lado, foram, desconsiderados, pela professora, outras possibilidades, inclusive temas cogitados pelos alunos na aula, sinalizando possivelmente o desinteresse dos estudantes para a prática de luz sombra e profundidade. Nesse caso, considera-se que seria importante ter atenção com as sugestões dos alunos, valorizando a sua livre-expressão. Na opinião de Gonçalves (2011) luz e sombra assim se definem,

Para desenhar analiticamente o que se observa é necessário um nível elevado de concentração e uma percepção visual apurada. Assim, o objetivo relaciona-se com a necessidade de aprender a olhar para o modelo, observando atentamente as suas linhas essenciais, as relações entre essas linhas e as sombras que os volumes sugerem, para depois conseguir reproduzir estes aspectos no papel. Tal, incita o aluno a obter um cuidado e um perfeccionismo apurado, desenvolvendo assim a capacidade de atenção e de concentração. (Pag. 49)

### **3. A Experiência de Darci Seles**

#### **3.1 Biografias do Artista**

Darci da Silva Seles nascido no dia 07 de novembro de 1972, em Cáceres/MT, chegou ao Acre em 1986, com o objetivo de unir os familiares. Filho de pais mineiros, João Rodrigues Seles e Maria Neves da Silva Rodrigues trouxe, ainda, os irmãos: Lucelinda, Davi, Dair, Darli e Luzidalme, e mais dois irmãos de criação: Marco Antônio e Marxuel.

Senhor João Rodrigues Seles desenha, pinta, toca teclado, esculpe em argila e madeira; cuidou de transmitir as habilidades para filho. Maria Neves, sua mãe é exímia na produção do crochê. Darci Seles cursou até a quarta série do antigo ensino primário,

Depois que o artista Darci Seles decidiu morar na zona urbana, aos 16 anos, Darci Seles teve maiores oportunidade de aperfeiçoar-se, fazendo cursos específicos em Artes Plásticas e Artes Visuais: serigrafia, pintura em tela, oficina cenotécnica, oficina de museus, entre outras. O artista passou a ganhar a vida como autônomo. Seu primeiro trabalho, em tela, exposto em 1992, seguiu tendência surrealista, e tornou-se capa do livro da professora Clara Bader (pró-reitora da UFAC, na época). Em 1999, vendeu suas primeiras obras numa exposição do SESC chamada Povo do Mato. A partir desta exposição, os jornais e os críticos de arte local, passaram a falar sobre suas obras, depois de mais de oito anos trabalhando sem ter conseguido nenhum tipo de reconhecimento social. Na sequência vieram outras exposições, algumas coletivas e outras individuais: Povo do Mato, Asas e Pétalas, Exposição, Fragmentos Surrealistas, Série Cubos e Cores, Dança das Cores, Música Para Meus Olhos, Pop Indígena.

#### **3.2 As contribuições para o ensino do desenho infantil**

A experiência como professor/artista desenvolvida por Darci Seles é direcionada a conhecer o aprendizado da criança através do desenho na livre expressão, desenhar em suas aulas é o ponto de partida porque ele tem sua própria situação de aprendizado como exemplo, aprendeu praticando e ao conhece as propriedades do desenho e outros estilos artísticos deseja repassar a seus alunos. O professor/Artista ao estabelecer a comunicação em suas aulas procura despertar a percepção dos alunos com tarefas individuais, seu método de ensino partiu da necessidade de cada um, a tarefa que é dada para o aluno B não é dado para o aluno C, como nas turmas do SESC entram novos alunos e ao mesmo tempo desistem outros o professor adaptou-se a ensinar o desenho de modo que todos aprendam sem se prejudicar por estarem atrasados ou mais adiantados com relação aos demais.



Arquivo pessoal – observando as aulas

Em sala é notório a dedicação dos alunos para aprender o desenho e suas técnicas, acima da prática os alunos tendem a expressar sua identidade, mesmo com o cuidado para não fugir da proposta da atividade de Darci, as crianças priorizam suas próprias ideias, na tentativa de despertar a criatividade o professor Darci lança um tema para que eles criem novas ideias incitando-os a se expressar livremente.

O ambiente de aprendizado traz consigo algumas características complexas, pois é em meio a diversidade encontrada na sala que possui crianças com necessidades especiais, hiperativos e outros causando transtornos que tem que ser administrados com muito carinho, paciência, cuidado e sensibilidade. Este ambiente traz ainda dificuldades em relação ao querer ou não querer aprender desenhar, os pais matriculam suas crianças no curso de desenho buscando alternativas que resultem em aprendizado o que nem sempre acontece.

Durante a entrevista o professor Darci afirma que o desenho é uma prática importante no desenvolvimento da coordenação motora do aluno, e que durante seus 16 anos trabalhando o desenho entende que desenhar é mais que uma distração, ajuda o aluno ter percepção mais aprofundada do que está em sua volta e conseqüentemente o aluno passa a ter um melhor relacionamento social, uma melhor socialização. TRINCHÃO (2016) menciona habilidades relacionadas ao processo viso-motoras:

[...] O estudo sobre a história da educação em Desenho envolve muito mais do que pesquisar os processos do desenvolvimento das habilidades viso-motoras ou as práticas artísticas, científicas ou técnicas. Envolve, sobretudo, sua inserção no espaço escolar como objeto de ensino oficializado e institucionalizado, os conteúdos, os procedimentos e os materiais, as criações e recriações didáticas para a transmissão de saberes e para se fazer entendido. (pag. 8)

A trajetória artística de Darci Seles é vista como positiva em relação a prática pedagógica do Arte/Educador, a maneira com que desenvolve as ministradas traz um entendimento mais eficaz para os alunos no desenho de livre expressão, pois é possível notar características diferentes que outros desenhos não têm envolvendo o ambiente escolar, seus colegas e professores. As crianças apresentam-se mais sensíveis e flexíveis em relação a comunicação que muitas vezes não acontece no verbal revelando traços e conteúdos não perceptíveis.

O Professor/Artista afirma ainda que desenvolve habilidades para as crianças que demonstram interesse pelo desenho sendo uma tarefa desafiadora, cita como exemplo: a ajuda aos hiperativos e ao mesmo tempo atende as crianças com necessidades especiais. A intervenção do Professor vai até o ato de pegar em sua mão como já aconteceu de ter um aluno com deficiência visual. Fato que foi presenciado em uma das observações.

### 3.3 Obras do Professor/Artista: Darci Seles

Os temas de suas obras denotam a cultura do homem moderno, o uso de luz e sombra é muito usado para chegar a seu significado sugestionando a imagem do homem e dos objetos em volta, apresentando então, este estilo de forma mais contemporânea, mas sem perder as características da vertente e com o encanto de suas expressões plásticas. Na busca do alto-aperfeiçoamento ele busca revelar em suas obras o cotidiano das pessoas, pois leva em consideração o que o apreciador busca encontrar no momento da apreciação e como autodidata, sempre busca novas experiências.




Mulher Entrelaçada, 1992



Povo do Mato, 1999



Em meio a entrevista conversamos a respeito de suas obras, Darci Seles afirma que ao pintar os músicos e seus instrumentos o artista deu sentido às sensações de sons musicais produzidos através das telas, e, as danças expressam as sensações e desejos que a plateia sente ao assistir espetáculos de danças.

Galeria de obras da série “Musica para meus olhos” e “Dança das cores”			
			
<b>O Pianista</b> (2007), Darci Seles. Dimensões: 100x80 - Técnica mista	<b>O Sanfoneiro</b> (2007), Darci Seles. Dimensões: 100x80- Técnica mista	<b>Capoeira</b> (2007), Darci Seles Dimensões: 70x80 - Técnica mista	<b>Frevo</b> (2007), Darci Seles. Dimensões: 100x80 -Técnica mista

Darci também se apresenta com outras trações resgatadas de manifestações da história da arte, como com o cubismo, retratando desde trabalhadores da floresta até a vida cotidiana de pessoas na cidade, trazendo temas especiais como a vida que levou até seus dezesseis anos – como estivador de barcos e caminhões, onde o mesmo enchia-os da famosa castanha do Pará - trabalhando debaixo de sol e chuva, como podemos observar nas imagens de suas obras.



Retratando a floresta

#### 4. Considerações Finais

Ao termino deste trabalho conclui-se que a observação feita nos estágios supervisionados, onde, em algumas tarefas específicas da prática de artes em desenhos utilizava-se o processo do desenho com temas do cotidiano da criança em sua iniciação. Este processo é tido como uma prática adequada no meio artístico, contexto comprovado por ocasião da construção deste trabalho de conclusão de curso complementado aos fatores importantes aprendidos nas disciplinas relacionadas no curso de Licenciatura em Artes Visuais.

No conteúdo do TCC contempla-se a compreensão da livre expressão do desenho infantil na escola: suas características, seus métodos e processos, suas particularidades e principalmente o trato das emoções pertinentes ao processo de criação. Com o estudo de caso do professor/artista Darci Seles e a bibliografia pesquisada, chega-se, a conclusão de que a prática do desenho precisa fazer parte do processo de ensino/aprendizagem da criança (aluno).

Na escola se pratica o desenho como disparo e iniciação do processo de aprendizado mesmo antes da criança aprender a ler e escrever. Também foi observado que a escrita é uma forma de desenho dos símbolos representados pelas as letras e números do alfabeto.

A livre expressão é parte integrante do processo criativo onde se trabalha: a coordenação motora; habilidade e aprimoramento dos traços; conceito de luz e sombra; a exteriorização da sensibilidade e a identidade do aluno. Todo este método, dentro desta sequência tem como resultado o desenho artístico.

Por ocasião do contato com o Professor/Artista no Centro de Educação Permanente – CEDUP do Polo de Tarauacá, e apreciando sua produção como Artista plástico, em uma oficina, seus traços atraíram a minha curiosidade em saber mais sobre sua: obra, vida e trabalho resultando no estudo de caso para o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.



Produção do Professor Artista por ocasião da oficina CEDUP/Tarauacá



Observando a estrutura pré-disposta para a Arte no SESC e sua prática de ensino/aprendizagem na capital Rio Branco, concluí que a prática do desenho é aplicada com técnica e profundidade diferente do que acontece no município de Tarauacá, pois as observações feitas nos estágios supervisionados mostraram práticas insuficientes para o desenvolvimento do ato de desenhar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luis Alberto Marques (2003). O Porto no arranque do ensino industrial (1851 – 1910). Porto: Edições Afrontamento.

BOTO, C. A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BRASIL, Câmara dos Deputados:

DECRETO Nº 7.247, DE 19 DE ABRIL DE 1879 - Publicação Original.

Disponível na internet em

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso 18 jun. 2018.

DECRETO Nº 19.851, DE 11 DE ABRIL DE 1931 - Publicação Original.

Disponível na internet em

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares - Cursos de Graduação. Brasília: 1996, 2005, 2009 e 2016.

CONARCFE, Comissão Nacional pela Reformulação dos Cursos de Formação dos Educadores. “Documento final do IV Encontro Nacional”. Belo Horizonte, 1989.

DA VINCI. Disponível na internet em:

<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/568/leonardo-da-vinci-o-desbravador-do-corpo-humano>. Acesso 18 mai. 2018.

DAZZI, Camila (Orgs.); VALLE, Arthur. Termos de julgamento das provas dos Concursos ao Prêmio de Viagem em pintura durante a Primeira República. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 2, abr. 2007.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. Editora: Scipione, SP, 2003.

DIAS, Elaine. Correspondências entre Joachim Le Breton e a corte portuguesa na Europa. O nascimento da Missão Artística de 1816. An. mus. paul. vol.14 no.2 São Paulo, 2006. Disponível na internet em

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010147142006000200009&script=sci\\_arttext&lng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010147142006000200009&script=sci_arttext&lng=es). Acesso 20 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Paisagem e academia: Félix-Émile Taunay e o Brasil (1824-1851). Campinas: Unicamp, 2009. ISBN 978-85-268-0864-5

Fávero, Maria de Lourdes Albuquerque. Anísio Teixeira e a Universidade do Distrito Federal. Revista Brasileira de História da Educação: RBHE, PR, 2008.

FERREIRA, Amarílio Jr. & BITTAR, Marisa. Artes liberais e ofícios mecânicos nos colégios jesuíticos do Brasil colonial. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FERNANDES, Domingos; Ó Jorge Ramos do e FERREIRA, Mário Boto. Estudo de avaliação do ensino artístico, 2007. Disponível na internet em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5501/1/Relato%CC%81rioEnsinoArti%CC%81sticol.pdf> . Acesso 18 jun. 2018.

GONÇALVES, Ana Sofia Duarte. Desenho, Arte e Criatividade: Um projeto pedagógico centrado no desenvolvimento pessoal. Universidade de Lisboa, 2011.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. A formação de professores: da escola normal à escola de educação. Organização Ruy Lourenço Filho. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais, 2001.

MACHADO, Rosilene Beatriz e FLORES, Cláudia Regina. Educ. Matem. Pesq., São Paulo, v.15, n.2, pp. 431-446, 2013.

MNI, Ministério de Negócios do Império, 1855. Disponível na internet em: [https://books.google.com.br/books?id=JDC\\_AQAAMAAJ&pg=PA555&lpg=PA555&dq=Minist%C3%A9rio+de+Negocios+do+Imp%C3%A9rio+1855&source=bl&ots=Jma5NVPw2C&sig=GIKkPcSXiJqKSmXEZLAHtOAOsdek&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiGvIWu5KPcAhXjp1kKHYJIDH0Q6AEIKDAA#v=snippet&q=academia&f=false](https://books.google.com.br/books?id=JDC_AQAAMAAJ&pg=PA555&lpg=PA555&dq=Minist%C3%A9rio+de+Negocios+do+Imp%C3%A9rio+1855&source=bl&ots=Jma5NVPw2C&sig=GIKkPcSXiJqKSmXEZLAHtOAOsdek&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiGvIWu5KPcAhXjp1kKHYJIDH0Q6AEIKDAA#v=snippet&q=academia&f=false).  
[http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968\\_1850\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968_1850_00001.pdf) . Acesso 18 jun. 2018.

MORMUL, Najla Mehanna; MACHADO, Maria Cristina Gomes. Rui Barbosa e a educação: os pareceres de 1882. Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 277-294, jan./jun. 2013.

Paim, A. A UDF e a idéia de universidade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

PRIMITIVO Moacyr. A instrução e a república: Reformas Benjamin Constant (1890-1892). Imprensa Nacional, 1941.

READ, Herbert (2001) - Educação pela Arte, Lisboa: Edições 70.

SECO, Ana Paula & AMARAL, Tania Conceição Iglesias do. Marquês de pombal e a reforma educacional brasileira. Disponível na Internet em <http://proferlao.pbworks.com/f/introdu%C3%A7%C3%A3o+-+MARQU%C3%8AS+DE+POMBAL+E+A+REFORMA+EDUCACIONAL+BRASILEIRA.pdf>. Acesso em 18 jun. 2018.

SELES, Darci. O percurso criativo de Darci seles. Disponível na Internet em: <http://webmuseudeartistasacrianos.blogspot.com.br/>. Acesso 18 mai. 2018

SERAPHIM, Elisabeth. Ensino de artes. Curitiba, PR: IESDE Brasil. 2012.

SILVA, Viviane Rummler da. A Academia de Belas da Bahia, 2005. Disponível na Internet em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9855/5/vivianesilvat5seg.pdf>. Acesso 18 jun. 2018.

Simon, Círio (2003). Origens do Instituto de Artes da UFRGS etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia no sistema de Artes Visuais do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível na internet em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2632/000323582.pdf?sequence=1>. Acesso 18 jun. 2018.

SQUEFF, Letícia Coelho. A Reforma Pedreira na Academia de Belas Artes (1854-1857) e a constituição do espaço social do artista. Cadernos Cedes, ano XX, no 51, novembro/2000. Disponível na internet em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n51/a08v2051.pdf>. Acesso 18 jun. 2018.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. O DESENHO NA EDUCAÇÃO DO HOMEM NOVO BRASILEIRO: alfabetização gráfica à visibilidade dos fundamentos das Artes e das Ciências. HISTEMAT: Feira de Santana, BA, 2016.

**Anexo: Entrevista com Professor/Artista****ESTUDO DE CASO – Entrevista com Artista e Professor Darci Seles**

**Como professor e artista você considera que o desenho influencia no desenvolvimento educacional do aluno?**

O artista e educador Dacir Seles conta durante a entrevista que o desenho é uma ferramenta importante no desenvolvimento da coordenação motora do aluno, e que durante seus 16 anos trabalhando o desenho entende que desenhar é mais que uma distração, ajuda o aluno ter percepção mais aprofundada do que está em sua volta e conseqüentemente o aluno passa a ter um melhor relacionamento social, uma melhor socialização.

**No processo de ensino/aprendizagem com os alunos é possível detectar que a prática do desenho pode e é uma forma de representar coisas e seres que teve contato físico e visual?**

O desenho do aluno é uma forma de retratar diversas situações, inclusive as difíceis que às vezes não são expressadas com palavras, por sentir: medo, timidez, violência e etc. Como o desenho é uma forma de representar objetos e formas, os alunos conversam e dialogam através do desenho, registrando fatos que eles acham que não se pode dizer ou até que não conseguem dizer através das palavras.

**Em sua experiência você consegue identificar o desenho como uma forma de socialização com desenvolvimento de raciocínio?**

Creio que o desenho é muito importante na comunicação do aluno com a sociedade, ali o aluno demonstra seus sentimentos, principalmente no meio escolar com seus colegas e professores, apresentam-se com o mais íntimo de seus sentimentos tentando uma comunicação que muitas vezes é difícil verbalmente, com o desenho coisa que nem imaginamos surgem, como retratação e revelação.

**Defina o desenho com livre expressão e diferencie do desenho copista e de memória induzida?**

A livre expressão nos alunos precisa de maior aplicação, com incentivo em todas áreas de sua vida: família, escola e atividades externas, como é o caso das nossas oficinas no Serviço Social do Comércio - SESC, as práticas artísticas como o desenho necessitam de aplicação e neste processo surge a livre expressão para disparo do processo criativo. A prática do desenho copista e de memória induzida é aplicado nas escolas pela absoluta falta de tempo e criatividade de seus professores, além do fato de que não existe um monitoramento adequado para uma prática correta e consistente, infelizmente o ensino da arte nas escolas ainda é muito precário, oficinas externas, como algumas esporádicas em espaços alternativos oferecidas pelo sesc é que ainda tendem a ajudar mais, como são passageiras não dá tempo para aplicar um trabalho melhor, um trabalho de qualidade.

A Arte precisa ser valorizada, precisa de profissionais formados na área, o desenho é uma prática necessária e importante para o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Entendo que a desvalorização da disciplina de Arte começa nas secretarias de educação onde se seleciona professores sem formação específica e sem conhecimento do Universo da Arte e ensinam algo que não sabem, com tempo reduzido é preciso observar que em países desenvolvidos o aluno estuda e durante uma parte do seu dia ele pratica Arte, tem todo um diferencial aí, pois aqui infelizmente isto não acontece desta forma.

O tempo em sala para trabalhar a livre expressão no desenho é insuficiente, como a teoria ocupa boa parte do tempo disponível restando assim pouco tempo para pratica resultando que o professor tende a determinar o que o aluno vai produzir, neste sentido o tempo limita a professora e ela limita o aluno, induzindo produzirem copias que ela trouxe prontas.

Os alunos começam a descobrir seu potencial e podem até descobrir-se a cada dia, descobrem que tem aptidão pelo desenho, mas nem sempre é para ser um artista, às vezes serve apenas como um meio de conveniência buscando o viver harmônico com os colegas no sentido de integrar, de interagir. Quando começa desenhar todo mundo se diverte e não pode ser só brincadeira para entreter alunos e colegas, penso que esta é uma das desvalorizações da Arte.

O desenho precisa de incentivo com responsabilidade já que a Arte é discriminada como disciplina, sofrendo vários tipos de preconceitos.



A arte do desenho acaba sendo a mais banalizada neste sentido, porque quando o aluno não tem o que fazer acha que pode brincar de desenhar para se divertir.

#### **CONSIDERAÇÕES DO PROFESSOR/ARTÍSTA:**

Os pais não sabendo o que fazer com o aluno hiperativo, manda para oficina de desenho na tentativa que ele se acalme, maioria das vez é um problema porque nem todas se interessam pelo desenho e acabam atrapalhando os outros perturbando as aulas, assim como arte/educador tenho que ver o aluno que realmente queira desenvolver o dom em desenhar, se ela não quer não adianta insistir.

O educador precisa de muita paciência e carinho para lidar com os alunos nas aulas de Arte, de repente as perguntas surgem os questionamentos que nem imaginamos aparecem, o barulho é um problema porque quando um está concentrando o outro está aos gritos é onde devemos manter o foco e discernir o melhor para o momento.

Geralmente leciono para alunos que mostram aptidão pelo desenho, meu trabalho como professor traz muitos desafios, por exemplo, ajudar os alunos hiperativos e ao mesmo tempo cuidar dos casos especiais, onde preciso pegar em sua mão como já me aconteceu de ter um aluno com deficiência visual e que precisei ajudar com o manuseio do lápis já que não estava enxergando quase nada.

Darci Silva Seles

